

12

—

Leia Firminas

BRASAS ARDENTES NA PONTA DOS DEDOS¹

NÃO ADIANTA TENTAR RABISCAR COISA ALGUMA PARA PASSAR O TEMPO – NÃO ME CONCENTRO EM NADA, COM

esta agonia do sol escaldante nas pedras do calçamento, o cozido de peixe ainda entalado no esôfago, exalando a fermentação de cheiro verde e cebola; um chá de boldo, quem sabe, algo amargo talvez combine melhor com a tarde abafada desta cidade pequena e pardacenta, que me faz suar sob as mangas do vestido, enquanto o resto da casa ressoa, indiferente a meu desespero.

Melhor teria sido que não vivesse aqui, onde a lassidão do tempo recebe como único tempero o cheiro de mar, que se espalha da rua de baixo, lembrando-me que a vida é intensa, repleta de odores, de sentimentos e sons; por que de algum lugar me vem essa espécie de medo que me faz preferir a solidão – na capital seria mais ameno o calor?

Os olhares disfarçados dos conhecidos pelos camarotes tornavam a noite um pouco tensa no teatro, mas ao mesmo tempo alegre, porque sempre era possível encontrar igualmente uma expressão simpática, como a daquele admirador que me escrevera uma carta caudalosa, exaltando a força dos sentimentos e a exuberância da liberdade. Em instantes, começaria a peça, e, então, poderia me refugiar na ficção do espetáculo e me deixar levar pelo devaneio e pela imaginação.

Visitar a capital para mim era uma festa. Certo é que tantas horas sofrendo com o balanço de uma embarcação habitualmente me deixavam enjoada, mas tinha sempre no bolso da saia uma casca de limão para cheirar, se a maresia me deixasse tonta. Assim que desembarcasse, procuraria o poeta Teotônio Salgado – uma inconfidência: ele também guardava os escritos que tinha, por medo de ainda não estarem maduros, do mesmo modo como acontecia comigo, e também ainda era um escritor desconhecido; será que aprovaria minha audácia de escrever um capítulo inteiro sobre os horrores de um sistema econômico tão desumano?

— Dona Maria, para que lado devemos seguir? – perguntou-me Rosa, a paciência em pessoa. – estava completamente vazio o centro da cidade na primeira manhã do ano.

Gostava de janeiro com seu ar de chuva, parecia que tudo se acalmava nesta época amena ou simplesmente tudo se guardava para novo furor: casamentos, batizados, óbitos, adultérios, tudo logo recomeçaria. Não quis passar o Ano Novo em Guimarães. Quem sabe, a mudança de ares não me ajudasse a avançar algumas páginas do romance? Estaria eu inventando desculpas para não escrever como se fosse o mesmo que experimentar brasas ardentes com a ponta dos dedos? Uma narrativa longa suga a gente, comprime o corpo, fustiga o coração, remexe entranhas.

— Dona Maria Firmina, abra a sombrinha, que está chovendo... – Rosa chamou-me à atenção, como quem ralha de leve com uma menina distraída.

Os olhos do jovem poeta, o modo seduzido como me encarou, apertando-me a mão com força no salão do teatro, ao sermos apresentados um ao outro pelo Teotônio Salgado, teimavam em se intrometer em meus pensamentos, luzindo como faísca de astro cruzando a galáxia, dois fochos de luz a incendiar-me o coração – mas, nesta idade, ainda seria aceitável me deixar tomar por enamoramentos súbitos, que só me serviriam para encher o dia de palpitações perfurantes, fantasias românticas de moça, que só me roubariam a paz necessária para descrever o martírio da preta Suzana, sobrevivente da fúria do Atlântico, da fome, da morte e da tortura nos porões de um navio negreiro? Não, eu devia estar enganada, o entusiasmo daquele rapaz idealista (até flores me mandou no dia seguinte) só podia se explicar pelo fato assombroso de conhecer uma mulher com a ousadia de escrever sonetos.

Estava gostando dos dias longe das atribuições do cotidiano, nada como uns dias de férias em outro lugar! O que ganhava como professora mal dava para sustentar uma vida digna, que se resumia a três vestidos de festa, uma escrivinha de jacarandá e uma mucama livre – a Rosa, tão dedicada, uma irmã zelosa para mim, preocupada não só com as minhas simpatias abolicionistas quanto com minhas paixões literárias, duas condições muito perigosas para uma mulher, numa sociedade que escraviza pessoas. O pior é que eu ainda não havia tido coragem de assinar meu próprio nome nos textos que enviava aos jornais! Nem a redundância do pronome possessivo “meu” ser reforçado pelo adjetivo “próprio” era suficiente para me dar coragem de publicar minhas ideias, continuava a me esconder atrás de um pseudônimo, “uma maranhense” é lá nome de gente? Na hora de assinar o nome em meus escritos, como pode faltar firmeza – até ri sozinha – a alguém que tenha sido batizada com um nome como o meu? Rodei displicentemente a sombrinha apoiada ao ombro, nem fazia tanto calor e os flamboyants floriavam em vermelho flamejante como se saudassem o amor.

A compulsoriedade dos compromissos sociais, na verdade, nunca foi do meu agrado, mas também não se pode fugir de todos eles, porque assim o exige a luta cotidiana com a nossa natureza animal, que só se compraz no gozo sexual e no amor. O trabalho, a cordialidade com os vizinhos, a vida em sociedade, é tudo muito cansativo e – como já disse – compulsório, coisas que ninguém faria sem que nos obrigassem. Do mesmo modo como agora suporto o mormaço, esperando que lentamente se complete a digestão do almoço, que a Rosa tornou muito mais apetitoso com a compota de doce de coco que preparou para sobremesa.

Tenho pena de Rosa, envelhecendo aqui a meu lado, sem reclamar de nada, sempre cuidando de tudo com zelo extremado, dedicada ao serviço doméstico como uma sacerdotisa. Qualquer hora dessas, mando-a embora, só para ter o prazer de livrá-la deste cheiro de maresia, que invade os sentidos da gente e vai me deixando ainda mais nauseada da vida e de seus reveses.

Sentir o suor escorrendo pelo pescoço até o fim do vestido não é uma circunstância das mais agradáveis, mas o que fazer? Moro no interior por costume, acomodação, preguiça, podia não morar e sair passeando pela capital no fim das tardes, tomar um fresco, comprar um livro, mas não, cedo fiz logo um concurso público para ser professora em Guimarães. Agora estou aqui, sentada na cadeira de balanço, tentando arrefecer o mormaço que abafa o telhado das casas, nenhuma brisa circula, a existência dos homens germina quase parada, disputando um lugar com o ruído dos passos de alguém que passa na calçada. São quase duas horas da tarde. Ainda tem muito tempo para o fim desta agonia. Tomara que Ferreira não se atrase!

Num instante, meus olhos pesaram, numa calma letárgica que foi tomando meus calcanhares, avançou para as pernas, subiu para o ventre, para os ombros e a cabeça pendeu para a esquerda sob a sonolência que me tomou: senti as asas de uma enorme borboleta, que me abanavam, enquanto exalavam um perfume adocicado, que me inebriava a cada inspiração ritmada, invadindo meu corpo inteiro com uma sensação de profundo relaxamento.

— Acorde, Dona Maria! Acorde! – era Rosa, esbaforida, batendo à porta. – O homem está desmaiando, revirando os olhos como quem vai morrer!

Senti meu peito palpitar de uma só vez, porque ele não podia morrer em minha casa. Sabia que me metia em coisa muito arriscada, mas não conseguia ser indiferente às atrocidades que ele já sofrera. Desci correndo ao porão, sacudi o corpo dele levemente, sofria uma espécie de convulsão e eu não sabia o que fazer para ajudá-lo.

— Água fria, Rosa! – atirei-lhe uma lata d'água sobre o rosto – Amoníaco, vai buscar amoníaco para ele cheirar, anda, vai depressa! Como é que se pode bater tanto numa pessoa?!

Disseram-me que se chamava Horácio e era um líder natural, talvez, por esse motivo tão visado e perseguido. Alguns dos seus já estavam longe e o esperavam em lugar seguro, era preciso tirá-lo dali o quanto antes. Eu só temia meu próprio nervosismo, quando chegassem os alunos da tarde – um chá de boldo me faria muito bem!

Aos poucos, Horácio foi se aquietando, enquanto lhe segurava a mão suada e fria. Mandei buscar um caldo de peixe bem forte, foi como começou a recobrar a normalidade do pulso. Que se sossegasse, tivesse paciência, que as horas não tardariam a passar.

Menos aflita, voltei para o quarto, lavei o rosto e troquei o vestido escuro que usava. Até às três e meia, a temperatura ainda subiria um pouco, para aumentar ligeiramente a angústia que me tomava. Logo chegariam os meninos para a lição de latim e eu precisaria ainda de mais energia para explicar a eles as desinências do genitivo – rosa, rosae, rosarum... – rosário de muitos dias a preparar almas rudes para o exame de admissão ao Liceu (os olhos firmes do Dr. Sotero à espera das flexões corretas, sem hesitação, na ponta da língua, diáfanas, límpidas como uma écloga árcade).

O espelho do meu guarda-roupa de jacarandá está embaçado, preciso mandá-lo ao seu Justino da rua das Flores: mas o que é que vejo? Entre a base do meu pescoço e meu queixo arredondado será, de fato, que se forma devagar uma dobra de tecido flácido? Estarei enxergando bem ou deveria abrir mais a janela? Mas comigo isso acontecerá também? Inspiração longa. Acontece. Neste exato momento, começo a envelhecer como o resto da fauna do mundo, como os poetas gregos e romanos, Dante e Luís de Camões. O que fiz de mim no correr dos dias, no meio dos quartos da casa, no meio da cidade pequena com cheiro de sal e de peixe? Alguém batendo palmas no corredor interrompeu meus devaneios.

— Dona Maria! Dona Maria!

— O que é, Rosa? Queres me matar de susto? – e precisei de alguma coisa com que me abanar.

— O chefe de polícia... quer falar com a senhora. – o quarto me pareceu rodar pelo menos uma vez, e uma espécie de êmbolo subiu e desceu por minhas veias.

— Desce correndo ao porão e avisa Horácio para se esconder.

Ela saiu quase correndo, balançando as nádegas roliças (se recusava com firmeza a comer legumes, por mais que eu insistisse), e tratei de abotoar depressa o vestido, para que o Dr. Sampaio não desconfiasse de nenhuma demora.

O chefe de polícia era um homem atarracado, de olhar irônico e penetrante. Encontrei-o sentado no banco dos alunos, bem em frente à minha mesa, brincando com o jarrinho de flores que a enfeitava, mudando-o repetidamente de lugar, de forma ordenada e retilínea, como se sob ele imaginasse um tabuleiro de xadrez – a cena me deu um arrepio que, por um triz, não foi percebido pelo investigador.

— Como tem passado, professora? Muitos alunos, como sempre? – esbocei um sorriso sem graça. – Como a senhora demorou, tomei a liberdade de me sentar.

— Ah, não se preocupe. Esteja à vontade. Os alunos só vão chegar daqui a pouco.

— Para não atrapalhar a sua aula, vou direto ao assunto: estou procurando um fugitivo. – meu coração bateu em ritmo aceleradíssimo, mas o encarei, numa arrojada postura de desafio.

— Só não sei por que o senhor vem procurar um fugitivo aqui. – então nos olhamos longa e firmemente, por um tempo que me pareceu interminável, ele trocou o jarrinho novamente de lugar, num gesto demorado e abusivo, voltando a me encarar com autoridade.

— Está bem, professora. Mas tenha cuidado com certas atividades que são ainda mais perigosas para uma mulher. – cumprimentou-me com um aceno ríspido e saiu – Quase desmaiei nessa hora. Depois fiquei pensando se não estava realmente brincando com fogo, afinal de contas o que vale uma mulher? Ainda mais pobre e negra? E sozinha?! Sozinha, então! É uma sorte ter esses alunos de gramática, do contrário, não poderia sequer manter a Rosa nos afazeres diários. Aprendi as regras da boa escrita por mim mesma, lendo livros com avidez – estranha dádiva a literatura que, não raro, nos isola de um lado, mas nos acompanha do outro, para sempre.

Enquanto pensava nisso e terminava de tomar o copo de água que, ainda quase sem fôlego, fui buscar na cozinha, ouvi novas palmas no corredor e novo estremecimento agitou meu corpo. Respirei fundo, quem seria agora? Escutei os chinelos de Rosa se deslocando pelo assoalho, e esperei.

— É o Gonçálinho, Dona Maria! – tratou de me tranquilizar. E vi o menino gorducho se acomodar na primeira fila de carteiras, ainda mastigando uma goiaba madura, cujo cheiro doce atravessou meus sentidos e me resgatou à lentidão do tempo que se arrastava pela tarde morna de agosto.

Pouco a pouco, foram chegando os outros alunos para a aula de gramática – sujeito, predicado, verbos irregulares se intrometeriam em meus sobressaltos quanto ao destino de Horácio, que se refazia deitado no porão, apesar da crise convulsiva que o sacudira de

manhã. Acho, na verdade, que ele sabia da necessidade de reagir se quisesse sobreviver. Além do mais, pedi a Rosa que o alimentasse bem e o fizesse descansar bastante. Teríamos de esperar pela noite para tirá-lo de lá.

Por um momento, cheguei a me distrair e me deixei enlevar por Tancredo e Úrsula – personagens queridos – entregues à força de um amor sem limites. Só que faltava ao romance uma nota explicativa que dissimulasse minha timidez e despertasse no leitor a compreensão de tamanha ousadia da minha parte. Infelizmente eu não estava em condições de escrever uma linha sequer, quanto mais resolver aspectos técnicos de uma narrativa. Por hora, apenas deixaria os dois jovens se entregarem ao sentimento arrebatador que os tomava, completamente alheios à frieza da realidade.

Quando a aula enfim terminou, fui ver o rapaz no porão. Pareceu-me muito mais disposto, depois da comida e do sono. Isso me tranquilizou. Agora só tínhamos que esperar que o Ferreira viesse à hora combinada para fazê-lo escapar do chefe de polícia.

Por volta das dez da noite, sobre o ruído dos grilos no quintal, ouvi o barulho de alguém que pulava o muro e, logo em seguida, o som de outro corpo que também amortecia o salto sobre os gravetos no chão. Apressada, me levantei da cadeira, onde em vão tentava me concentrar na leitura. Era Ferreira, que tinha vindo buscar o fugitivo, para ajudá-lo a ganhar o rumo do quilombo do Itapecuru, afinal de contas, ninguém nasceu para ser escravo de outro.

Do alpendre, vi os homens se afastarem entre as sombras do matagal fechado por trás do sobrado e tomarem o caminho que os levava direto à beira da praia.

Rosa sorria e me apoiei nela para voltar para dentro. Já na cozinha, trocamos um abraço demorado, olhos úmidos, mãos suadas, cálida sensação de alívio absoluto. Com o terço entrelaçado nos dedos, recolhi-me. Troquei de roupa, ajustei a luz do lampião e me aproximei, sem querer, da mesa de trabalho. Então fui tomada por um sentimento de júbilo que me induziu misteriosamente a buscar os originais de Úrsula, meu primeiro romance, que esperavam tão-só por uma nota introdutória para irem à tipografia. Como um tributo sincero à agonia desse dia inteiro, escrevi: pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados. Ainda assim o dou a lume. Depois assinei meu nome, já sem medo algum: Maria Firmina dos Reis, 1859.

Lenita Estrela de Sá

Graduada em Letras e Direito; Tem dezesseis livros publicados, tendo os três últimos sido publicados pela 7Letras (RJ) e pela Penalux (SP); Exprime-se em diversos gêneros literários: poesia, conto, literatura infantil, teatro, roteiro de cinema e televisão, romance (inédito); Em 2017, publicou Antídoto (poemas), com apresentação na orelha por Salgado Maranhão; Recebeu, entre outros, o Prêmio Literário Cidade de São Luís, em 2010, com o livro Pincelada de Dalí e outros poemas; Foi incluída por Nelly Novaes Coelho no Dicionário de Escritoras Brasileiras (Escrituras, 2002); Participa das revistas literárias O Casulo – jornal de poesia contemporânea (Ed. Patuá, 2016), Germina – revista de Literatura & Arte, InComunidade (Portugal) e Mallarmagens; Participa das antologias Mulherio das Letras 2017 (conto e poesia), Do Desejo – as literaturas que desejamos (Ed. Patuá, FLIP 2018), A mulher na literatura latino-americana (EDUFPI/Avant Garde Edições, 2018) e Antologia do Sarau da Paulista (2019); Foi incluída por Rubens Jardim na série As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira (2016), publicada no blog do autor e no e-book de mesmo título, v.2 (2018); Atrás do baú de guardados (contos, Penalux, 2019) é seu mais recente livro publicado, com prefácio de Daniel Zanella e apresentação na orelha por Itamar Vieira Júnior.

estrelasa@hotmail.com

¹ SÁ, Lenita Estrela de. *Brasas ardentes na ponta dos dedos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.